

Sonhografia(s) de um Pé-de-Acerola



*Invenções de um professorar
infante e amazônico*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA EDUARDA GLÓRIA NEVES

Sonhografia(s) de um Pé-de-Acerola:
Invenções de um professorar infante e amazônico

MANAUS

2025



MARIA EDUARDA GLÓRIA NEVES

Sonhografia(s) de um Pé-de-Acerola:

Invenções de um professorar infante e amazônico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia para obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia pela
Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Monica Aikawa

MANAUS

2025

Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

N511s Neves, Maria Eduarda Glória
 Sonhografia(s) de um pé-de-acerola : Invenções de um professorar
 infante e amazônico / Maria Eduarda Glória Neves . Manaus : [s.n],
 2025.
 52 f.: color.; 21,0 cm.

 TCC - Graduação em Pedagogia- Licenciatura- Universidade do
 Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
 Inclui Bibliografia.
 Orientador: Monica Silva Aikawa.

 1. Formação docente. 2. Filosofia da Diferença. 3. Infância(s). 4.
 Amazônia(s). 5. Autobiografias em invenção de si. I. Monica Silva
 Aikawa (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)37.013

MARIA EDUARDA GLÓRIA NEVES

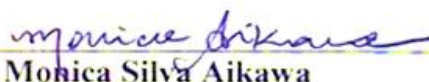
**SONHOGRFIA(S) DE UM PÉ-DE-ACEROLA:
Invenções de um professorar infante e amazônico**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do
Estado do Amazonas – UEA, apresentado como
parte dos requisitos para obtenção de grau em
Licenciatura em Pedagogia.

Manaus, 16 de junho de 2025.

Aprovação em: 16 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA



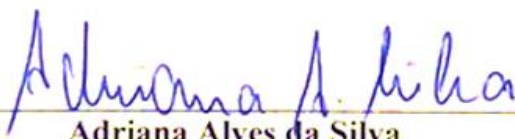
Monica Silva Aikawa

Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Orientadora



José Vicente de Souza Aguiar

Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Avaliador A



Adriana Alves da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Avaliadora B

In memoriam a minha avó Lúdia dos Santos Glória,
amo e te quero amada,
quero e te quero querida,
escrevo buscando formas de te trazer para minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao divino, Deus e todas as divindades que me acompanham, que em um sopro me concedeu uma vida em alegrias ao lado daqueles que mais amo, me dando forças para lutar pelo que acredito, com raízes profundas que se nutrem da terra e do céu, sinto essa conexão que me sustenta e impulsiona.

Agradeço a minha avó Lídia dos Santos Glória e ao avô Mauro Corrêa da Glória, matriarca e patriarca da minha família. Eles são a estrutura central que nutre e direciona esse pé-de-acerola.

Agradeço a minha mãe, Maria Lídia dos Santos Glória, que me ensinou a passarinho sem medo, sendo a primeira a me fazer experimentar os sabores de uma vida bem vivida com um sorriso no rosto e a força de mil cavalos, suas noites em claro trabalhando por um futuro digno para nós valeram a pena; em ti desabrocho e floresço. Agradeço ao meu pai, Wander de Oliveira Neves, por ter plantado em mim a semente da curiosidade pelo mundo, se não fosse pela vontade de aprender herdada pelo senhor quem sabe o rumo que eu teria tomado, a infinidade de livros que o senhor me presenteou estão confluindo em mim até hoje; em ti me estendo em busca dos raios de conhecimento.

Agradeço a minha irmã, Ana Paula Glória Neves, que me criou e cuidou de mim com todo o amor e ternura que podia me oferecer, lutando sempre por nós, mesmo sendo apenas uma criança um pouco maior, sou o resultado das tuas regas, realizamos nosso sonho de ser professora! Agradeço à Laura Glória Rebelo, que sempre me ensinou a me jogar de cabeça e não desistir dos meus sonhos, me impulsionando a crescer sempre para o alto, sem medo da altura.

Agradeço ao Dante Neves Bragança, meu afilhado e parceiro de vida, que chegou em minha vida me mostrando um olhar sensível, da amorosidade e da alegria que é amar e ser amado por uma criança; uma das mais belas flores brotadas em mim, me trazendo a fragrância e ternura de uma vida bela.

Agradeço à Aline Farias de Souza, minha melhor amiga de infância. Vivemos uma vida linda juntas debaixo de uma Mangueira, experimentamos o doce da vida; me ofereceu abrigo debaixo de suas folhas por dias e noites. Agradeço a Leonardo Batista dos Santos, uma amizade que encontrei um pouco mais tarde debaixo de uma Árvore de Buganvílias, e que lá compartilhamos nossas alegrias e tristezas de histórias de vida; ele

é uma folha vibrante desse pé-de-acerola, onde a luz e a sombra se encontram e lá fazem abrigo.

Agradeço a Luiza Clara Brito Vieira, um amor de adolescência que perdura e floresce até os dias atuais, nossa partilha de vida é única e especial, agradeço pelos choros acolhidos e alegrias compartilhadas que vivemos ao longo desse período de graduação; ela é meu fruto maduro que guarda a doçura de um amor que perdura com o tempo.

Agradeço a Monica Silva Aikawa, minha orientadora, que me apresentou um mundo acadêmico outro, em desbordamento de uma vida em alegrias e potência, acreditando em mim em momentos que minha fé balanceava; ela é a chuva fértil que me banha e rega esse pé, me tornando potência.

Agradeço às infâncias que encontrei neste trilhar, sem elas eu não seria nada; elas são as acerolas mais vermelhas que em mim brotaram, borrando-me em um colorido laranja-azedo.

Me constituo no fragmento de cada um desses afetos, sou eles e eles me são. Esse pé-de-acerola antes de ser meu, é nosso!

RESUMO

Essa escrita semente emerge das experimentações de um professora em formação inicial em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas, que manuseia e narra seus afetamentos e encontros sonhografados. Objetivando então sonhografar os acontecimentos decorrentes de um currículo-corpo que se forma, (des)forma e (trans)forma em movimentos crianceiros e amazônidas com a formação inicial tecida com o Filosofia da Diferença. Narro em afetos as criações desse corpo que se inventa com as infâncias, se vê em inquietações sobre os pensares que caracterizam as infâncias locais, proponho a invenção de um corpo infante-aceroleiro, que cria formas de ser-sentir-viver essas infâncias em caminhos desviantes. Em vias de “justificativa”, entendo essa escrita-desejante que mobiliza olhares de (en)cantamentos sob esse corpos, operando no hibridismo de atravessamentos docentes e mobilizações floresteadas, essa pesquisa se justifica pelas fissuras para uma docência que brota por um viés artistador, bordador, acerolador e poético. Desenho, traço, bordo, saboreio e sonho outros modos de professorar, modos mais fluídos em intensidades e potencializadores de criação, de outras formas de vida em escapes.

Palavras-Chave: Formação docente. Filosofia da Diferença. Infância(s). Amazônia(s). Autobiografias em invenção de si.

ABSTRACT

This seed-writing emerges from the experiments of a teacher in training in Pedagogy at the State University of Amazonas, who handles and narrates her affectations and dream-like encounters. The aim is to narrate the formation of a body-curriculum that moves in encounters with the thought of difference, dialoguing with childhoods and Amazons (r)existing in everyday life. I narrate in affections the creations of this body that invents itself with childhoods, that finds itself in concerns about the thoughts that characterize local childhoods, I propose the invention of an infant-aceroleiro body, which creates ways of being-feeling-living these childhoods in deviant ways. In the path of “justification”, I understand this desiring-writing that mobilizes gazes of (en)chantment under these bodies, operating in the hybridism of teaching crossings, seeking fissures for a teaching that sprouts through an artistic, embroidering and poetic bias. I draw, trace, embroider, savor and dream other ways of being a teacher, flowing in intensities and allowing me to create new forms of life in escapes.

Keywords: Teacher training. Philosophy of Difference. Childhood(s). Amazon(s). Autobiographies in self-invention.

SUMÁRIO

NASCENTE SONHOGRÁFICA.....	10
SEÇÃO 1: Sonhografia docente em fios de infâncias, cartas e escrita de si.....	17
1.1 <i>Aconteço nesse corpo biovegetal</i>	19
1.2 <i>Traçados sobre formação docente em encantamentos crianceiros</i>	21
SEÇÃO 2: Entre bordados, passarinhos e divinamentos.....	29
2.1 <i>Devir-Pássaro</i>	29
2.2 <i>(Des)Bordamento de Si</i>	32
SEÇÃO 3: Pé de acerola.....	36
3.1 <i>Quando infante</i>	37
3.2 <i>(Des)inventando-se em infâncias e Amazônia</i>	41
3.3 <i>Acerolamentos em artistagens brincantes</i>	43
DERRADEIROS SONHARES E ACEROLAMENTOS	46
REFERÊNCIAS	50

Nascente sonhográfica...

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias.

Quero dar ciência delas.

Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos.

A criança me deu a semente da palavra.

Os passarinhos me deram o desprendimento das coisas da terra.

E os andarilhos, a presciência de Deus

(Manoel de Barros, 2018)

A escrita do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – emerge na abertura de um professorar em formação no desabrochar-se em afetos atravessados durante a formação inicial em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Um professorar *nascido de uma pequena semente*, que entre as insignificâncias foi buscando diferentes encontros, permitindo afetar e afetar-se, trocando saberes com as infâncias e amazônia(s) (r)existentes no cotidiano local, vem dialogando com lentes epistemológicas que possibilitaram deslocamentos de pensamentos sobre currículo, se lançando a seguinte questão: o que pode um corpo professora em formação inicial em Pedagogia com as infâncias e amazônias que se movimenta com o Filosofia da Diferença?

Assim, delinheio os fios dessa escrita com o objetivo geral de sonhografar os acontecimentos decorrentes de um currículo-corpo que se forma, (des)forma e (trans)forma em movimentos crianceiros e amazônidas com a formação inicial tecida com o Filosofia da Diferença. E objetivos específicos se constituíram em: Narrar através de escrita de si os afetos vividos de um currículo-corpo e suas (re)criações a partir dos encontros com as infâncias no movimentos formativo em Pedagogia; borrar os entendimentos das caracterizações infantis curriculares através das vivências no cotidiano escolar nos estágios curriculares; inventar um corpo brincante-aceroleiro inventivo possibilitador de atos de criações de novas formas de ser-sentir-viver as Infância(s) e Amazônia(s).

Pensando em “justificativa”, essa escrita-semente busca a mobilização de um olhar *regador de encantamento* sobre as Infâncias Amazônidas. Assim, narro e invento-me em um corpo infante-aceroleiro que opera no hibridismo de atravessamentos docentes vivenciados nas escolas das infâncias, debaixo de um Pé-de-Acerola. Movimentando à docência por um viés artistador, bordador e poético que se potencializa através da infância, busco fissuras, rasgo de terreno para que eu brote, desbordando a forma-docente (Corazza, 2008) Ao contrário de uma formação de professores que valoriza somente o cognitivo e que nos dita “o que fazer”, “como fazer” “quando” e “onde”, nos limitando a métodos e técnicas mecanizadas em detrimento da potência de um corpo criador de artistagens corazzeanas. Alinhavo então essa escrita de si assumindo o papel de pesquisadora cartógrafa aceroleira, onde ao mesmo tempo, se captura afetamentos, se permite a (trans) formação docente desenhando, tracejando, bordando, saboreando e sonhando sobre outros modos de professorar com as infâncias em um devir-aceroleiro que flui em intensidades e atravessamentos cotidianos, *crescendo e entrelaçando minhas*

raízes eu crio e experimento mundos que escapam de modos de viver e estratos já criados em currículos normativos.

Através dessa lente, buscamos fazer deslocamentos em ideias supostamente já assentadas no campo das Infâncias, principalmente quando se olha através de uma lente curricular, remexendo e bagunçando ideais adultocêntrico a partir de convites dados pelos infantes. Em outras palavras, pensamos na impossibilidade de aprisionar formas-sujeitos e docências-dadas, é pensar em algo que possa fornecer potencial para a produção de singularidades (Aurich, 2017, p. 44). Assim como, o lançamento de lentes às multiplicidades em recusa à ideia de pensamento de representação e unificação (Deleuze; Guattari, 2011), e ainda por compreender que o conceito se faz em singularidade, é único em medida que é singular naquele movimento particular: “O conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função da sua criação” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 13).

No emaranhado desta escrita-afeto *maravilhamos-nos* em alguns conceitos. Começamos com o currículo em uma linha pós-estruturalista, impossível de se fragmentar e que se constitui a partir das diferenças, dos cotidianos, das vidas (Corazza, 2002; 2010; Lopes, 2013). Nas diferenças se desfaz e se refaz. Um currículo desabitado, desocupado do conjunto de “conhecimento selecionado a partir de uma cultura mais ampla para ser ensinado a todos” (Lopes, 2013, p. 18).

Povoado em diferenças, cores, formas, folhas, flores... Esse currículo nasce na rebeldia da recusa em caber na totalização institucionalizada de seus modos de ser-sentir-viver. Um currículo que rema contra a curricularização do viver, resiste à impermeabilização das diferenças, combate o desmonte das existências. Assim, o currículo “não é só um pensamento, mas a ética desejante de viver com o caos e seus devires. E porque os educadores são arquipélagos: territórios atípicos, difíceis de delimitar, não integráveis, em errância, sempre desterritorializados” (Corazza, 2010, p. 153).

Esse currículo remete a outras compreensões do si, uma que não se delimita apenas no viés cognitivo, mas por uma religação com a vida e valemo-nos do conceito de corpo. E para o entendimento de “corpo”, apoio-me na ética em Foucault (2006) e no corpo sem órgão de Deleuze-Guattari. Através dessas lentes, um corpo é aquele que flui em intensidades de seus desejos e que é povoado através dela (Lauro, 2019). Se constitui em suas experimentações, descobertas, se cria através do caos, resistindo ao poder sobre

o corpo e sua organização (Revel, 2011). Um corpo sem órgão é desorganizado, visceral, não se prende a crenças e se desprende da rigidez.

Outro conceito mobilizado é o de infância. A “infância, em suas experimentações, está associada à criação (...) um tempo do acontecer e da invenção” (Abramowicz; Levcovitz; Rodrigues, 2009, p.180). Assim, emerge uma compreensão que em nada se associa ao tempo cronológico determinado biologicamente como “infância”, é um acontecimento deleuziano, que se pode ter na dita infância biológica, ou mesmo na adultez, na velhice, ou aparecer e desaparecer nesse meio tempo (*Ibidem*, 2009). Então, o foco no sentido de infância(s):

como uma experiência que pode, ou não, atravessar os adultos, da mesma forma que pode, ou não, atravessar as crianças. Nessa perspectiva, a idéia de infância não está vinculada unicamente à faixa etária, à cronologia, a uma etapa psicológica ou a uma temporalidade linear, cumulativa e gradativa, mas ao acontecimento, à arte, ao inusitado, ao intempestivo. Vincula-se, portanto, a uma espécie de des-idade (Abramowicz; Levcovitz; Rodrigues, 2009, p.180).

Posto que temos a infância enquanto acontecimento que se permite a fluidez, pode-se dizer que nasce do encontro, é potência, plena em desejos (Deleuze, 2002), é a “voz de fazer nascimentos” (Barros, 1996, p. 17). Infâncias lançam olhares que brilham em curiosidade e inventam modos de existir, violando as cristalizações e criando tracejados diferentes, um nascedouro de confluência (Costa; Amorim, 2019). São arteiras em criação de frestas que vazam currículos consolidados, pois incitam inventividade e vida em um *faz de conta aceroleiro*.

Vida dita aqui na Amazônia, uma Amazônia crianceira que nos habita, desarticulada com os estereótipos produzidos globalmente, uma que nos mobiliza enquanto gente e floresta. As infância(s) e amazônia(s) que nos atravessam se constituem em próprias linhas de fuga deleuze-guattarianas, impossíveis de serem contidas e enquadradas em verdades imutáveis, operam em criação de caminhos improváveis em suas transmutabilidades. As infâncias e amazônias desse professorar, se desocupam da curricularização imposta.

Assim, a trajetória de pesquisa se compõe teórico-metodologicamente por estudos deleuze-guattarianos e foucaultianos por um viés pós-estruturalista do Filosofia da Diferença percebendo-a como um pensamento que “tem interesse pela diversidade, pluralidade e singularidade” (Schnorr; Rodrigues, 2014, p.39). E se materializa numa

escrita-afeto pela pesquisa autobiográfica em invenção de si que se exerce em ser outros e ao mesmo tempo lança-se em si mesma no viver (Barroncas; Costa; Aikawa, 2023).

Utilizando-se também do método da Sonhografia, que se dá como uma “membrana semipermeável entre o desejo da tradução e a palavra escrita(...). Deseja a criação do pensamento que sonha, a fim de sonhar o pensamento em sua capacidade crítica” (Corazza, 2021, p. 447). *Sonhografia essa nascente de um não-lugar de um sonho*, em borrões translúcidos de uma composição viva das imagens de um professorar, infâncias, acerolas, literaturas, poesias que pulsam em intensidades desses afectos e perceptos.

Em meio aos estudos de uma formação inicial docente regada por estudos deleuze-guattarianos e foucaultianos, me encontro em meio a um professorar aceroleiro desviante, de criação, invenção, uma docência do intempestivo, que encontra nas infâncias amazônidas um convite a novos modos de ser-sentir-viver a docência e seus afectos. Esse convite acontecera em diversos momentos, nos (en)cantos de sabiás, debaixo de um pé-de-acerola, e eles me cativaram um olhar brincante, desviante, fugitivo, que voava e (en)cantava em um caminho rizomático, tomando variados rumos em busca de conexão com a vida.

(Des) Organizo essa escrita por um olhar manoelino, uma escrita aparelhada em disfunção poética que se dá através de imagens e cartas criadas, coladas, recortadas feitas por autoria própria em um movimento criativo de devir ao esmiuçar as miudezas engrandecedoras de um cotidiano.

Na primeira seção escrevo sobre o si em “*andarilhamentos*”, um si que se constitui no nomadismo, que sai a caminhar sem ao menos saber quais caminhos pode percorrer, que possui o conhecimento de tudo sobre o nada. Assim, abro os caminhos deste Trabalho de Conclusão de Curso com aquela que me inaugurou na arte dos andarilhamentos, minha avó Lídia Glória, ela que inventando caminhos *me ensinou a amar a natureza*, se inscrevendo em mim através da escrita de si aceroleira e trazida na primeira seção. A segunda seção emerge com os passarinhos, que me ensinaram sobre a liberdade de pousar em qualquer pé-de-acerola e o (des)bordar-se nesse horizonte; *aprendi com eles ser disponível para sonhar*. E na terceira e última seção, sonho em inconsistências com as infâncias e pé-de-acerola.

Nasce um corpo infante-aceroleiro! Em alegrias, cantos, segredos e sonhos, criando escapes e desvios em suas raízes que lançavam a ruptura de padrões que até então em uma formação inicial enrijecidos (como modos de pensar as infâncias, idealizações, expectativas...), se alimentando da resistência em risos, brincadeiras, alegrias...

*Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza
um dia voltam para ela
(Manoel de Barros, 2018)*

Sonhografia
docente em
fios de
infâncias cartas e

escrita de si

Muito Engraçado sou mesmo
um fracasso
Como esposa sou maguada
Como mãe sou desprezada
Como sogra sou maltratada
Como nora sou abandonada
Amo e não sou amada
Quero e não sou querida
Afimall sou uma mulher
Sofrida.

Mas quando
Umido Chão me servi
de leito de canção
Coração não
bate mas
Nesse

Feito de
Lidia para seu entio

Sonhografias aceroleiras em cartas
Eduarda Glória, 2025c

Seção 1: Sonhografia docente em fios de infâncias, cartas e escrita de si

A formação docente e todas as vivências junto a ela de um movimento em vida, exigiu de mim uma (re)conexão ao sensível que por algum tempo se encontrava petrificada, adormecida em meio a uma rotina que pouco me possibilitava o suspiro, a criação. Sentir-se, afetar-se, desviar-se... sentidos viscerais que evitava remexer, talvez não quisesse ao menos sentir, olhar para o estranho, ficar de frente para o caos. Mas foi preciso. É preciso cuidar o si. E foi em um movimento de fuga, que me esbarro com o professorar.

Professorar-se! Permitir-se à vulnerabilidade que insiste atravessar, permitir (des) criar-se e recriar-se em mundos novos, mundos inventados, subir e descer em rios e suas confluências. Que potências podem ser geradas quando se está aberto a essas experimentações corpóreas?

Narro essa seção pelas minhas raízes-rizoma. Rascunhando os traçados iniciais desta escrita estando nesse espaço cartográfico de afetamentos ditos acadêmico, demarcado por linhas de minha formação inicial do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas com o estagiar; por vivências como integrante do Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões; projetos de Iniciação Científica (IC) com foco nas infâncias amazônicas e no professorar e Projetos de Extensão. Marcado também pelos atravessamentos de vivências consideradas “não acadêmicas”, como trocas alegres nos corredores e na praça da Universidade, amizades, artistagens, cafés da tarde, risos, poesias... me encontro em meio ao turbilhão de infinitas linhas de uma vida movente que me atravessam, afligindo, afetando, me move e me compondo tal como nascente de confluência, de uma dobra (Costa; Amorim, 2019).

Mergulhando sobre essas águas inexploradas da docência, pude capturar afetos aos quais não podia quantificar ou mensurar, não seguiam uma linha cronológica, ou mesmo vinham de acontecer nos espaços que são “denominados” acontecer... Esses

encantamentos foram surgindo em meio a diferentes experimentações como poesia e pinturas e diálogos e risadas...e...e...e...

Nesse meio eu fui me des-criando, criando, re-criando, movida por intensidades de um corpo infante-aceroleiro, sem órgãos que se permite dançar com as águas desse rio de bordados e inacabamentos. Brincando com o mundo, me sinto! Sentindo-me, vejo a força de todas as mulheres que me carregaram no colo. Sinto suas preces por dias melhores, sinto seus beijos em minha testa, sinto suas canções, seus cheiros...sinto seus sonhos, seus desejos reprimidos que hoje, talvez comigo, eles estejam tomando forma, sabor, cheiros, texturas, cores...

Nesse caminhar, me encontro com cartas e poesias escritas pela minha avó materna, Lídia Glória, uma artista que ao longo de sua caminhada foi subjetivada entre mãe e doméstica que acolhia, mas que não era ouvida. Ao escrever sobre si, entregava suas declamações aos céus, gritava a arte que suplicava por ser ouvida, cuidando de si. Ao revirar fotos em família, os escritos por ela deixados a mim se apresentam. Algo em mim se revira. Evoco então as infâncias, a minha, as do meu movimento formativo em Pedagogia. Lendo as cartas, volto ao tempo em que éramos nós, em brincadeiras e afetos, o pouco tempo em que vivemos carnalmente juntas.

Reinscrevo-a em meu presente através de suas memórias deixadas em palavras, carregada de suas dores e amores. Como minha avó, penso que a melhor forma pela qual posso expressar esse balancear, são com palavras. Ela escrevia cartas, ao cuidar de si através da escrita, cuidava de mim à distância; agora me encontro com as infâncias, e escrevendo sobre o si, cuido de mim e do outro. Suas cartas foram, sem que ao menos eu pudesse perceber, uma experiência de escuta que cuida, vindo carregadas de tempo, silêncio, pausas de quem estende os braços para um abraço mesmo de longe. As infâncias me convidam ao mesmo gesto.

Sua escrita me atravessa em meu professorar: um olhar sensível, artístico, inventivo, que carrega palavras de afeto. Suas palavras percorrem em minhas palavras: palavras que cuidam do si, das infâncias e de um tempo que insiste em continuar se dizendo. Inauguro então esta sonhografia invocando-a à vida desta escrita com sua força e ternura. Permito-me abertura à artistagem!

1.1 Aconteço nesse corpo biovegetal

Sonho 1: Inaugurações

Nas águas do Rio Negro
 fui inaugurada
 Na dualidade do Encontro das Águas
 me fiz
 desfiz
 refiz
 Por Amazônias tantas
 naveguei
 No vai e vem do baneiro
 que se fizeram transbordar em mim
 Dupla Captura
 Eu e o rio.
 O rio e eu
 Não quero decidir entre se
 ser gente
 ou água
 ou árvore
 Aconteço nesse corpo biovegetal
 Quando o rio beijou o céu
 e o sol nas águas escuras quis se banhar
 meu coração desaguou
 e agora foi a vez dele falar.

Fonte: Autoria própria, 2025.

Quais Amazônia habitam em mim? Me vejo lançada a esse questionamento à medida que vejo lançada a sentires que vêm até a superfície como algo que insiste em não ser ignorado. Me impressiono ao ver a retomada desses sentires que por algum tempo estavam engavetados. O que os levava a mim justo naquele momento de um movimento formativo em Pedagogia? Assim, cravado como uma espécie de agulhão em inquietações (Foucault, 2006, p.11) experimento o cuidado de si:

a conversão do olhar do exterior para o próprio interior como modo de exercer vigilância contínua do que acontece nos pensamentos, sugere ações exercidas de si para consigo mediante as quais alguém tenta modificar-se; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo entre subjetividade e verdade (Candiotto, 2008, p.91).

Minha avó que escrevia sobre si em cartas, deixa fragmentos de sua existência em papel. Seus escritos agitam-me a escrever sobre si, resgatando a herança que por ela foi deixada a quem quisesse experimentar. Escrevo sobre si em afetos. Escrevo sobre árvores, rios e infâncias. Escrevo sobre o si em meu professorar, que ao ser externalizado, permite “exprimir-se e expressar-se para si e para os outros” (Candiotto, 2008, p.88). Escrever sobre nosso si, escrever-se e inscrever-se em si mesmo, mobiliza o cuidado conosco mesmo em vias de uma outra cultura:

a escrita de si era também importante na cultura do cuidado de si. Uma das principais características do cuidado era tomar notas para si para que fossem relidas, escrever tratados e cartas a amigos para ajudá-los a cultivar cadernos com a finalidade de reativar para si as verdades necessárias. As cartas de Sêneca são um exemplo dessa prática de si (Foucault, 2004, p.334).

Emergem então os seguintes questionamentos: quais potências podem ser criadas em um professorar no movimento formativo em Pedagogia que escreve sobre o si, em um movimento amazônida crianceiro? Quais outras Amazônia esse corpo pode achar nos territórios infantes?

Entre palavras, bordados, (des)bordados, pássaros, árvores e desvios, trago aqui tessituras brincantes de acontecimentos em minha formação que movimentam e potencializam em alegrias os pensares infantes de um corpo professorar infante e amazônico: a Filosofia da Diferença com estudos deleuze-guattarianos (1992) e

foucaultianos, experimentações em escola das infâncias, o encontro com as artes e poesias de Manoel de Barros (1996) e adjacências de um movimento em vida.

Nesses rascunhos sonhográfico que se movimentam na inconsistência de um sonho que se faz em borrões, me movo a refletir sobre os encantamentos que mobilizam meu processo formativo docente com escolas das infâncias. Narro essas percepções e afetamentos e desenho linhas cartográficas em afetos que potencializam esse mapa docente que se encontra em constante incompletude, permitindo-me múltiplas confluências e caminhos formativos inesperados.

Assim, sigo desenhando a trajetória dessa formação dada em meio a esses encontros de (des)alinhamentos, indo em contramão do que a própria palavra “formação” propõe, aquela dada para a preparação dos indivíduos para uma determinada função social, aplicada através de normas, valores e símbolos de uma sociedade (Freitas, 2010, p.172). Seu sentido não foi em me formatar, pelo contrário, foi a partir da minha (des)formação que pude desadormecer aquilo que já estava cristalizado, dando abertura a sensibilidade de um professora que se forma com os cotidianos infantes. Foi em meio a deturpação e em borrões que pude me constituir, permitindo-me a tais confluências.

O caos e o intempestivo chegaram até mim sem aviso prévio, sem pedir licença. As leituras-encontros, as infâncias, a Filosofia da Diferença, as iniciações científicas me afetaram para um pensar outro, um pensar desprendido e desocupado, me deparando com infâncias plurais que vazam e suplicam pela potencialização do corpo-infante, suplicam por vidas. Elas não aceitam os enquadramentos prescritivos do discurso das competências e habilidades, buscando por impulsos desejanter de resistir e reexistir em alegrias espinosistas.

1.2 Traçados sobre formação docente em encantamentos crianceiros

Em meio a essa e tantas outras inquietações internas instaurada, transvejo então essas infâncias nesse **movimento formativo na Pedagogia** em meus escritos, que em uma escola precisam ser dominadas, preenchidas pela disciplina de um ideal de cidadania que se reflete na escola para a produção de corpos docilizados, sem pulsão de vida. Anulações de existências múltiplas que geram força, de potências. Artes para criar e histórias para contar são caladas. Deparando-me com estas tentativas de podas de um território infante

tão fertilizado de alegrias, afetos, memórias... penso no tempo em que essa potência em mim também foi podada, me fazendo esquecer e cristalizar a pulsão pela arte que corre em meu sangue, perpassado por gerações.

Nas escolas das infâncias, as experiências vividas naquele chão se entrelaçaram com as minhas vivências, afetando não apenas aquele momento da temporalidade, mas os meus pensamentos e corpo por tempos depois também. As infâncias me desorganizaram, perturbaram essas memórias esquecidas. Gritando na tentativa de serem ouvidas, seus gritos ecoaram também em minha existência. Ouvindo-as pude despertar esse corpo adormecido, esquecido, morto em vida. Despertei em nossas infâncias.

Aconteceu a primeira atuação trazer caderno de campo, uma proposta pensada para uma turma de maternal. Nessa atuação pude ver barreiras antigas em minha formação humana e docente sendo quebradas e retorcidas, ao mesmo tempo em que territórios se fertilizaram em floresteiros brincantes afetados em encontros potencializados por sabores azedos, por quentura de dias ensolarados...

Vivenciei novos ramais acontecimentais em potência surgindo. A regência em si, como tantas outras, tinha um “objetivo” a ser “atingido”, mas em meio a confluências de invenções e reinvenções inéditas vinda das infâncias, logo percebi a criação de caminhos outros só possíveis aqueles que têm a ousadia em transgredir a concretude de barreiras preconizadas e insurgir florestaneando em meio a esses assentamentos. O plano de atuação proposto envolvia algo que em meu pensar era do interesse daquelas crianças: o Período Jurássico. Esse pensar foi nutrido pelos dias vivenciados com eles durante três meses, onde em suas brincadeiras dinossauros se faziam presentes. Logo pensei que seria uma atuação de sucesso, eles iriam amar!

Já em prática, fui sentindo aquele plano em desmanchamentos, virando logo um borrão, quando em meio às práticas pedagógicas novas formas de conceber vida aqueles materiais foram surgindo. Entre elas, durante a coleta de materiais orgânicos no quintal da escola, uma menina narrou sua história, que acontecia no tempo do Período Jurássico:

*Há algum tempo, uma menina gostava de se aventurar
em parques super-radicais.
Um desses parques era o mais radical e perigoso de todos,
o Parque dos Dinossauros!*

*Era assustador, mas ela não tinha medo,
 Ela gostava muito de correr junto com todas as espécies jurássicas que ali viviam.
 Até que um dia, em meio a uma aposta de corrida,
 um dos dinossauros pisou nela.
 Imediatamente a mamãe e o papai da menina apareceram de carro e a levaram até um
 hospital para cuidarem dela.
 Júlia se recuperou e voltou pouco tempo depois a correr bravamente junto com seus
 amigos dinossauros!
 E isso tudo aconteceu numa manhã ensolarada de uma quarta-feira junto com seus
 amigos do Maternal. (Caderno de Campo, 2023)*

Ao narrar tal acontecimento, percebo: os espaços e tempos vivenciados por cada uma daquelas crianças eram outros, com vivências e saberes que extrapolaram uma lente corriqueira do cotidiano. O jardim da escola, era um parque de dinossauros; as massinhas, eram personagens da narrativa...o encantamento pelo extraordinário aos poucos foi tomando conta e colorindo e transmutando aquele plano de atuação.

Essa experiência com o inesperado e os vazamentos de “meu” plano de aula retoma que educação tem a ver com lançamento de convites e não sabemos o que cada um fará com isso, foge ao nosso controle (Gallo, 2008), isso desmonta a rigidez do planejamento para chegada a um resultado positivo. Nessa experiência, lancei um convite e as fugas aconteceram, fugindo por sentidos e tempos outros, e ainda bem!

Enxergo essa experimentação como linhas moleculares que compõem o meu professorar, linhas essas que racharam os territórios mais endurecidos do ensinar e geraram mutações (Costa; Amorim, 2019). Territórios esses endurecidos, que por muito tempo diminuiriam minha potência em vida, linhas duras, que de tão demarcadas, não enxergo seu início ou seu fim. A vivência com as infâncias me permitiu essas fugas e desvios. Percebo que pensar a Educação Infantil por um estudo filosófico da diferença emerge compreensões de infâncias por um olhar experiencial com a vida, com o intempestivo, com o inesperado, com o acontecimento! Então vejo um outro currículo da diferença, que:

coloca força no poder de um currículo afetar e ser afetado pelos signos que dispara. Acredita na surpresa do encontro, porque entende que não

se sabe de antemão que signo resultará de um determinado encontro. É o processo e não o fim que importa. É a ação de percorrer a pista do currículo que merece nossa atenção e cuidado. Até porque o que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de outra forma. (Paraíso, 2023, p.131).

Nada ocorreu como esperado. No fim de um pensar nasceu um novo começo, o começo de um currículo-corpo que me fez lembrar um trecho de Drão do Gilbeto Gil (1982) “tem que morrer pra germinar”, morre também um professorar e nasce outro desocupado, mobilizado pelas infâncias e amazônias, nasce um currículo-corpo: um ser-sentir-viver o currículo com as infâncias que se traça em uma posição investigativa e fluida, desprendida de certezas e concepções unificadoras de contenção das alteridades. Me vejo então eu meio a um professorar esvaziado e nômade, ao mesmo tempo repleto de laranja-acerola (Neves, Aikawa, Costa, 2025), feito de bagunças, desorganizações, que vive em transmutações renascentes em potência de vida a cada encontro, a cada ineditismo. A experiência com o inesperado e os vazamentos de um plano de ação nos atenta a uma educação que tem a ver com lançamento de convites e não sabemos o que cada um fará com isso, foge ao nosso controle (Gallo, 2008).

A princípio me senti em meio aos estranhamentos, desconfortos em não saber onde poderia pisar, apoiar, me senti no vazio. Alguns questionamentos permeavam meus pensamentos: sem esse currículo prescrito, o que se faz? Para onde se vai? Será que os objetivos alcançados na minha visão significaram os objetivos alcançados daquelas crianças? O diferente me causava desconfiança e até mesmo medo. Um espaço-tempo não delimitado, não premeditado, sem receitas ou promessas educacionais de “sucesso”. Um vazio que aos poucos foi se colorindo, germinando em suas confluências infantis, acontecimentos inesperados que nasciam e morriam e renasciam de formas variadas no pulsar do cotidiano.

Um professorar fincado na dialética se esvai, logo vejo o desmonte de ideários emancipatórios do currículo normativo, posto que, em meio a palavras encantadoras, esse currículo atua como a principal ferramenta de unificação e contenção das alteridades. Pois emerge de um projeto hegemônico onde tentam nos encaixar, manter, ajustar, mutilar. A emancipação para um sujeito crítico e autônomo cai em contradição quando se vê embutido em métricas, a emancipação se torna então um projeto, tendo como seu principal aliado o currículo normativo. Um professorar vazio surge como potência.

E a infância se rebela, não aceita ser enquadrada. As métricas do professorar, materializadas em discursos como “domínio de turma”, “domínio de conteúdo”, “metodologias apropriadas” prezam por nossos ajustamentos, pelo “controle” dos corpos. O “certo” é conter, fazer com que essas infâncias calem, obedeçam, se organizem em filas, sigam o cronograma da rotina diária. Professores precisa enquadrar a turma, controlar os corpos, os desejos, os sonhos... Que sonhos? Em meio a esses afetamentos, narro em meu caderno de campo:

As obrigações diárias e cuidados pessoais eram quase esmagados pelo tempo. Na alimentação que acontecia em um tempo corrido de 10 minutos, mal as crianças conseguiam comer. No momento do banho da mesma forma, pressa, desconforto, “Silêncio! Calados! Sem risadas!”. O cotidiano foi esmagado pela rotina. Naquele dia não teve conversas com as plantas do jardim, invenções de histórias ou ao menos risadas (Caderno de Campo, 2023).

Sem risos, sem vida, uma escola não se aprende o que quer, mas o que se deve. Deve-se tempo, deve-se alegrias, deve-se vida, deve-se amazônias. O saldo devedor enche-se de territórios que de tão endurecidos e inflexíveis diminuem a potência da docência com as infâncias. Linhas endurecidas, que de tão demarcadas e verticalizadas só se faz possível enxergar seu fim, só se enxerga o seu reflexo em potencialidade produzindo corpos tristes, sem desejos.

Em confluência com estudos com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018) de Educação Infantil, vejo sua primazia em seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Sem entrar em discussões neoliberais, enveredo em interpretá-las de um modo sonhador, heterotópico, em experimentações desses supostos direitos com a Filosofia da diferença em meus traços formativos para constituir meus encantos.

Desse movimento de possibilidades e devir, me encontro em desconfianças e questionamentos em formação inicial sobre a forma que a BNCC entende as caracterizações desses rascunhos inventivos do corpo-infante, de como ela prescreve o fazer docente e seu afastamento das ideias de uma educação mais próxima à vida. Em meu pensar, durante a elaboração do plano de atuação docente, a sua importância vinha da maneira “certa” de executar a atuação, a utilização de determinado código para determinada idade. Determinado por quem? Certo para quem? As infâncias se rebelaram durante a proposta, criando brincadeiras, experimentando-as, conhecendo-se e cuidando de si baseando em seus desejos em coexistir, não com o que eu pensava que seria de seus

interesses. Viver essas desconfianças me mobiliza a pensar em outro professorar, que experimenta desenquadramentos em linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 1992).

Um ser-sentir-viver a educação com as infâncias em uma posição investigativa e fluida acontece, desconfiante de certezas e tentativas de contenção formas de vidas outras que fogem da normatividade. Dessa forma, em meu professorar-infante, tais experimentações me borbulham, sentindo a infância em imanência, não se perdendo na exterioridade das subjetivações do que se “deve” essa infância, ou o que “deve” um professorar em formação.

A infância se constitui em experimentações e se associa à criação, no tempo do acontecimento, da invenção do afeto (Abramowicz; Levcovitz; Rodrigues, 2009). E o intempestivo se apresentou durante toda minha caminhada, não sabia o que me aguardava, me deixei levar em formas de correntezas que delineiam caminhos incertos e sem local de chegada. As infâncias me apresentaram intimamente essas novas formas de remar com e contra a correnteza, territorializando e desterritorializando (Deleuze; Guattari, 1992) novos espaços.

Caminhos inesperados em locais de um dia ocuparam demasiadas certezas se abrem, experimento novas composições de um professorar que se encontra à deriva de devires, que escapa ao controle, metamorfoseia-se e reaparece em modos inesperados, em linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 1992). Em devir experimento as infâncias e em devir cartógrafo experimento a formação inicial docente. Deixei-me então navegar por trajetos rizomáticos em incertezas e desconfianças de uma docência que busca desenquadramentos.

Meus encantos em meio a essa territorialidade a Filosofia da diferença, com as infâncias e formação inicial, levam-me a um mapa dos encantos com a poesia:

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá,
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular
quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar:
divinare.
Os sabiás divinam
(Manoel de Barros, 1996).*

Rascunho essas experimentações, sentires e processos uma desorganizações: desorganizo as métricas que buscam quantificar encantamentos, os cálculos que tentam medir as forças dos (en)cantos....Experimento o divinare em caminhos, confluências, desvios, escapes, linhas de fuga que me libertam do afugentamento de sentir e viver, criando-se em encantos. Andarilho pela sensibilidade de uma Pedagogia da poética, que se brota nas miudezas de um cotidiano, acerolando currículos em fugas e divinamentos.

Entre bordados,



passarinhos e

Sonhografias aceroleiras em bordados
Eduarda Glória, 2025b

divinamentos

Seção 2: Entre bordados, passarinhos e divinamentos

eu faço, refaço e desfaço meus conceitos a partir de um horizonte movente, de um centro sempre descentrado, de uma periferia sempre deslocada que os repete e diferencia
(Gilles Deleuze, 2018)

Mergulhei em olhares lançados a mim pelas infâncias, naveguei por seus risos, brincadeiras, gritos...e lá encontrei o ponto de partida para começar a pensar em um currículo vivo em alegrias, gerador de potências em suas multiplicidades e subjetividades. Experimento infâncias incabíveis nos enquadramentos estabelecidos em suas rotinas escolares.

Um criança que a cada lançada de olhar, me mostrava pista sobre o que seus corpos pediam e podiam, ato que a minha infância do professora nem lembrava. Por vezes, sem nem ao menos verbalizar, elas expressavam suas frustrações e descontentamentos, isso até então, não me sensibilizava, com a pele adormecida, quase anestesiada, as sutilezas do cotidiano com as crianças eram quase impenetráveis. Meu professorar estava demasiadamente adultizado, os adultos que têm o costume de só valorizar o racional, entender aquilo que lhe é dado quase mastigado, dentro do planejado, tudo na ordem certa.

Eu queria coexistir com elas, mas não sabia ao certo por onde começar. Uma ruptura já havia ocorrido, uma experimentação que pude sentir formas de vidas infantis pulsando já corria por mim, bagunçando e desmontando expectativas idealizadoras sobre as infâncias. Um vendaval acontecia em mim. Fui diluindo-me aos poucos, abandonando ideias, ferramentas e certezas. Vi um professorar em desocupações, que se desapega de organizações, de organismos, evocando um corpo sem órgão, que flui com as intensidades. Voltei a mim. Começo a desbordar-me.

2.1. Devir-Pássaro

Como ponto de partida tomo o retorno a mim, olho para minha existência e mobilizo novas formas de agir e pensar em um movimento formativo constante que se alinhava em estudos, músicas, docências, artes, infâncias e vida, me fazendo em

(des)caminhos que me levam a bordar uma vida em obra de arte. Como se dá uma formação docente amazônida em (des)bordamentos? Um questionamento que me atravessa quando me aproximo do bastidor na expectativa de fazer um mais um bordado... Mas dessa vez é diferente. Uma arte que valoriza a simetria, que em minha relação linha-agulha, não se permite às falhas; uma arte que ao mesmo tempo que valoriza a perfeição se questiona acerca disso. O ponto cruz pode versa-se em pontos infinitos e linhas soltas?

Sonho 2: Linhas de um Beija-Flor



Fonte: Autoria própria, 2024.

Inauguro no bordado em um contexto pandêmico, onde em um momento de incertezas, dúvidas, medos eu necessitava de algo que fincasse em mim a segurança que me foi tomada. Fios e cores me costuraram e bordaram em um presente mais colorido em

meio ao incolor... Bordava o que eu sentia: memórias vívidas em família e amigos, a captura dos dias ensolarados do mundo à fora, os amores que sentia...

Depois de alguns meses em quarentena, já não tinha mais sobre o que bordar, o bordado que um dia se apresentava a mim como uma potência criativa virou uma apreensão de uma vida que naquele momento não tinha cores, mas um luto de tudo o que estava perdendo. As linhas me mostravam a beleza em suas cores, mas onde estavam as cores das linhas que me traspassavam? Linhas presas em movimentos repetitivos de vai-e-vem, com regras e receitas que diziam sobre o afetamento de um corpo potencializado em tristeza. Não deixava uma parte de mim em meio aquelas costuras, os movimentos me entristecem. As regras não me cabiam, as receitas diziam sobre proporções que pouco falavam sobre minha potência inventiva, era um movimento de repetição. Repetir, repetir, repetir até ficar diferente... (Barros, 1996).

Nesses movimentos de mão-linha-agulha-bastidor-tecido, como um sopro nasce um beija-flor. Presenteio a uma grande amiga de infância um beija-flor, como tantos outros: bordado em um bastidor feito de material reciclado, com o seu rascunho feito à mão, cores, linhas e com a sensibilidade de uma infância bem vivida ao lado de quem me desperta o sentimento vital da vida. Um beija-flor que voa em busca do que nutre, voa em busca de suas alegrias. Eram os mesmos movimentos, mas o sentido era diferente: a repetição aqui não expressava a imutabilidade, mas a repetição enquanto diferença pura. Um beija-flor bordado que parece como tantos outros, mas é diferente. Em um devir beija-flor, revisito o livro *O pequeno príncipe e entrelaço em bordados*:

Minha vida é monótona. Eu caço galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens também. E isso me incomoda um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol[...]O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando tiveres me cativado. O trigo, que é dourado, me fará lembrar de ti. e eu amarei o barulho do vento no trigo (Exupéry, 2009, p. 66).

Esse foi o meu último bordado por um tempo. Um bordado que arrematou o fim de um ciclo. Fiquei um tempo sem brincar com minha caixinha de ferramentas de bordar. Logo após iniciei minha vida no mercado de trabalho e senti que precisava deixar a sensibilidade artística de canto. Aliás, qualquer sensibilidade precisei deixar de canto. Meu corpo pertencia apenas à produtividade, entrega de resultados...pouco de mim habitava naquele corpo que um dia viveu em um devir beija-flor. Imaginei que por ali

tinha findado a minha história com as linhas. Mas algo maior me aguardava. O bater de asas de um beija-flor bordado queria algo a mais. Foi quando em setembro de 2021 foi chamada para o Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas.

Volto então a bordar-me. Pego meu bastidor, agulhas e linhas coloridas e arremato a primeira linha.

2.2(Des)Bordamento de Si

Aqui, permito-me fantasiar um modo inventivo de uma formação docente amazônida pelo (des)bordamento do si, desbordando as linhas fixadas no tecido, as linhas desse professorar que não cria, que não inventa (Neves, Aikawa, Costa, 2024). O reencontro com o bordado marca a minha reconexão com a vitalidade de um fazer artístico que me habita e que por algum tempo foi cristalizado. Rascunho então meus bordados docentes. Em meio aos estudos formativos e práticas escolares me via transpassada por linhas de um ser-professor em verdades enraizadas, que delimita caminhos a serem seguidos, onde traçar e fincar minhas agulhas, com métodos e técnicas para atingir a meta de como ser um bom-professor. Ideias essas permeadas por um pensamento curricular normativo, ditado pelos “*homens inteligentes do governo*”, que pouco habitam um professorar das infâncias amazônidas. Me vejo novamente em movimentos repetitivos entristecedores, que continua reproduzindo modelos pré-estabelecidos, que não se permite a criação, a invenção.

Costa e Amorim (2019) mostra sobre a teoria das linhas que quanto mais cristalizada e dura a linha for, mais supostamente ela nos tranquiliza, que apesar das violências vividas, essa subjetivação nos “conforta” em acreditar que as coisas são como tem que ser. Linhas duras de uma docência assentada por técnicas nos fazem acreditar que receitas e moldes de um saber-fazer. E o que acontece quando essa zona de conforto se torna a zona de conflito? Quais linhas se dispõem para um novo bordar? Um bordar em conflitos e desconfianças. Seguir essas regras já não fazia mais sentido. Nesse tear, como a moça Tecelã, eu *tecia e entristecia*. Um corpo entristecido não cria, um corpo entristecido não experimenta, um corpo entristecido só obedece e segue à risca o que é imposto, sem o direito de questionar.

Um emaranhado de fios e cores me costuram, e bordam um emaranhado de linhas presas, pelos quais pude ver em minhas mãos se (des) bordando. Desbordo-me em desconfiança dos caminhos traçados nas escolas das infâncias, onde permeado por práticas docentes fixadas de manutenção modelam corpos através da força bruta, em emparedamento e silenciamento, potencializando-os em tristezas, podando seus risos, gestos, pensamentos, expressões, sendo então uma “condição à produção de corpos dóceis de que o modelo econômico necessita” (Tiriba, 2017). Em meio ao desbordando, me deparo com mundos de devires e possibilidades docentes, permeados pela filosofia da diferença que me possibilita um confluir em intensidade, em cores e formas e cheiros e sabores *e... e... e...* (Deleuze, 2010), trilhando assim um professorar desbordante em formação.

Trilhar é deslocar o corpo de um lugar-partida e peregrinar em um caminho desconhecido em busca de um outro lugar-chegada provisório, pois quem trilha está em constante movimento descontínuo com travessias novas de um corpo-mente (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023, p.4).

Pensem então com Paraíso (2008) em um currículo outro, um currículo da diferença em afastamento dos agenciamentos negativos do poder que levam uma educação para a obediência, saboreando um currículo feito no nomadismo de um linhas que se conectam e abrem brechas para novas formas de existência. Um currículo que se faz, desfaz e refaz em um constante deslocamento de afetos. Um currículo que vaga, que dança, que grita e gargalha frente às subordinações. Um currículo insubordinado em sua natureza, feito na desestratificação das subjetivações que nos fixam e nos pregam a uma realidade dominante (Dilacerda, 2021, p. 321), que tomam poder sobre nossa imanência, sobre nossas formas de ser, desejar, existir e que tentam nos costurar um modo de vida dominante.

Faz-se um currículo indisciplinado, que se é pensado somente a partir de um desbordamento de pensamentos dominantes. Um currículo que não objetiva o controle de corpos e a formatação de identidades, mas que objetiva aqueles que o fazem as estranhezas, os erros, movimentando-se na imprevisibilidade e na mutabilidade de uma existência atravessada por linhas múltiplas. Um currículo que se faz em afetamentos, em lançamento de convites.

E não é que um currículo assim, louco, deixe de importar para as funções públicas, as grandes editoras, os grandes intelectuais e funcionários da Educação, as grandes forças econômicas e políticas, os

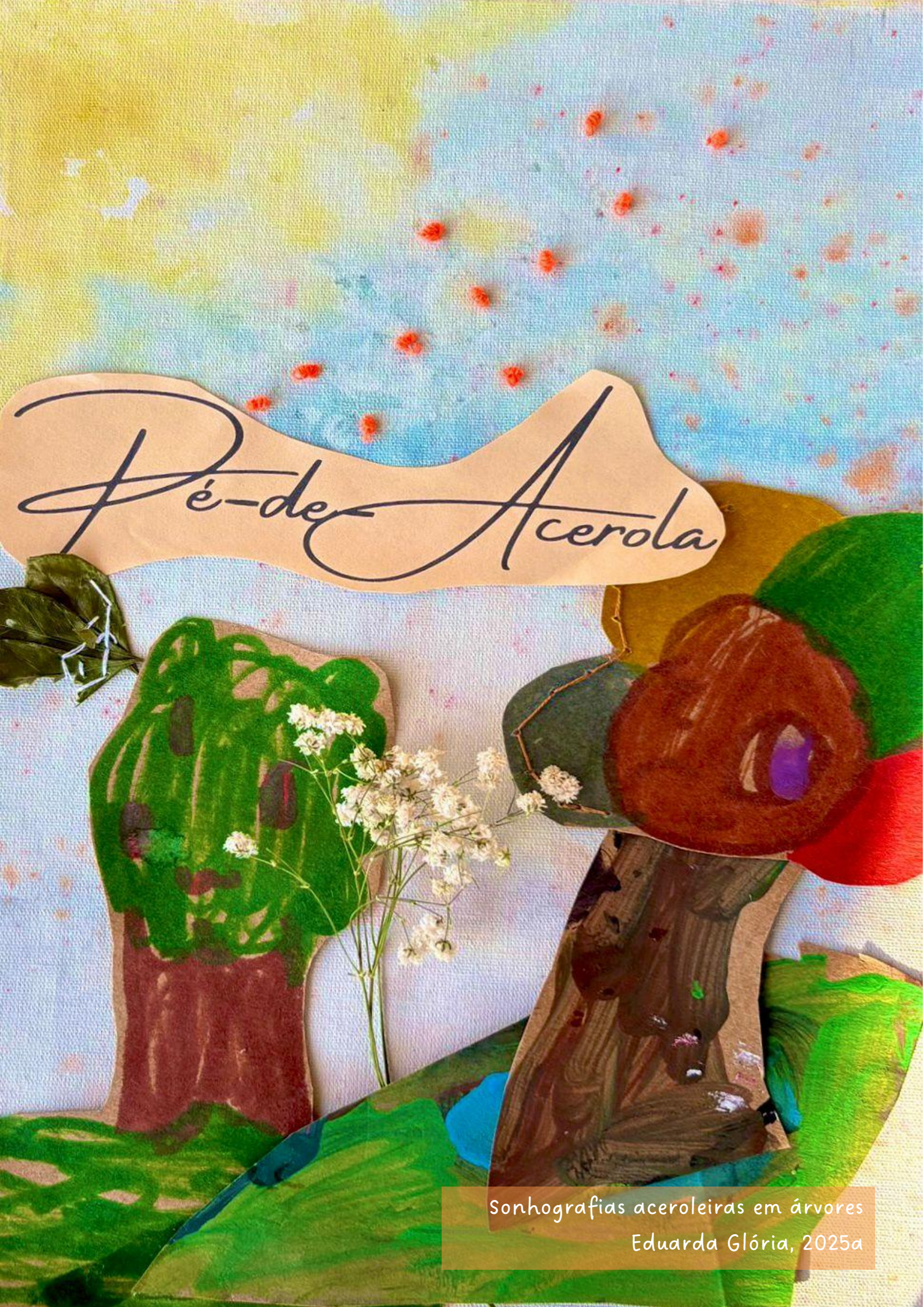
grandes centros de poder, é que essas formas e essências, assim grandes, são por ele conjuradas de antemão ou demolidas. Por isso, ele é condenado, banido, apropriado, ultrapassado, porém não importa, com sua potência de afectar e de ser afectado, ele continua desenrolando os seus segmentos móveis e figuras moventes numa exterioridade pura e dispersando-os, mesmo que seus fluxos sejam canalizados para condutos e diques, ele se precipita, volta a jorrar, transborda, vaza, flexibiliza as distinções binárias, ternárias e sintéticas, toma o espaço livremente em um campo heterogêneo e afecta os seus pontos, todos eles se revezando e ramificando, encadeando-se extrinsecamente, para se tomarem vetores de transformação. Currículo-bandido, currículo-monstro, currículo-maldito, profundamente indisciplinado (Corazza, 2002, p.134).

As infâncias nesse pensar são o ponto de partida. Enquanto vivi entranhada em seus cotidianos, olhando de perto formas de ser-sentir-viver nas escolas. Elas me despertaram o olhar do intempestivo, me forçaram a olhar-me e bagunçar as estratificações entranhadas na minha existência, aquelas que não queria ao menos olhar. Experimento as infâncias como um corpo sem órgãos, sinto-as em minhas experimentações infantis como “um corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização” (Deleuze, 1995). Um corpo-infante, que trilha em desvios que afrontam e afastam pensamentos normativo heterogêneo que insiste em permear nas práticas educativas.

As infâncias inventam desvios em meio a reprodução de modos de existências igualitários e em sua disrupção cria mundos diversos, cria linhas de fuga deleuze-guattarianas. Disrupções essas feitas em afrontes, em sua rebeldia frente a rotinas que as forcem a caber, consentir, calar, sentar. Transgridem a cada riso, fala, dança, choro... Criam um currículo desejante.

Esse corpo-infante desejante me convida a alçar novos voos, divinando em sabiás, beija-flores, linhas....me desorganiza em uma desorganização que “libera o corpo da prisão formada pelo estrato do organismo” (Dilacerda, 2021), se opondo às formas de poder sobre a vida (Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues, 2009).

Assim, continuo meu desbordar. Dessa vez, não precisei escolher linha alguma, segurei o bastidor e a agulha, e comecei a libertar tudo o que estava preso (Colasanti, 2004). Desbordo as linhas fixadas no tecido, as linhas desse professorar que não cria, que não inventa. Assim como Manoel de Barros (1996), *prefiro as linhas tortas como Deus*. Invento um professorar-infante brincante, que se permite aos novos afetos e ao atravessamentos de emaranhados de linhas que me compõe à medida que me cartografo.



Pé-de-Acerola

Sonhografias aceroleiras em árvores
Eduarda Glória, 2025a

Seção 3: Pé de acerola

Sonho 3: Um Pé-de-Acerola Inventado



Fonte: Autoria própria, 2025.

Essa seção movimentava as vivências decorrentes de um corpo que se desabrocha em acerolas, um corpo que se desperta em um corpo infante-aceroleiro. Escrevo sobre as vivências decorrentes de um cotidiano com as/das infâncias, que me despertam em suas transgressões a um currículo desprovido de vitalidade, um novo modo de professorar. Um professorar infante-aceroleiro, que se agita em intensidades e instiga inquietudes, pois entende-se em sua incompletude e peregrina em estranhamentos de uma docência que tem sede de saborear modos de viver.

3.1 Quando infante...

Ao me debruçar à escrita, me questiono por onde começo, pelo meio? Pelo fim? Pelo começo? Posso começar pelo descomeço apresentado a mim pelas Infâncias. Então, assim descomeço: narrarei meu sonho debaixo de um pé-de-acerola. Embaixo de um pé-de-acerola me encontrei com as infâncias, onde o tempo passa desacelerado e os sonhos encantados demoraram a perpassar por nossos sentidos, me lancei à escuta dos sussurros mais altos que já pude ouvir. Minha sonhografia se dá pelas raízes, onde o meu professorar em formação também se encontrou com o meu criança, e resolveu que por ali gostaria de brincar e rodopiar, pintando para fora da curva, traçando linhas imaginárias, inventando cores e sabores. Nesse encontro, nesse encanto, inventei-me em um corpo-brincante aceroleiro, que pelo sutil atravessamento desses dois corpos, nenhum deles voltou a ser o mesmo. Quais encantos se pode ter? Como eles podem acontecer? É possível quantificar, medir, qualificar? Ao revisitar alguns de meus escritos antigos, encontro fragmentos de mim e das infâncias que vivi cravado em uma folha de papel, escrevo:

*O céu beija a copa do pé-de-acerola
como se quisesse provar os sabores que ela oferece.
Essa cena fica mais vivida quando a campa da escola toca às 14h45.
As crianças correm ao seu encontro com o único desejo de coexistir com ela, buscam
jeitos de conseguir catar todas as acerolas possíveis,
balança em seus galhos,
correr em sua sombra,
com planos e estratégias para conseguir a tão doce e
desejada acerola...
A escola tem diversos brinquedos para proporcionar às crianças,
mas para elas isso pouco importa,
porque o magnetismo daquele jardim
provém daquele pé-de-acerola.
Ele sim é a verdadeira estrela daquele parque
saturado de plásticos*

*com cores vibrantes e
apenas figurativos.
Talvez,
estejamos buscando incessantemente alternativas para distrações,
estímulos cognitivos,
psicomotores... para enfim,
fazer a criança "entender" o mundo.
Sem ao menos saber que entender é parede:
procure ser um pé-de-acerola! (Caderno de campo, 2023).*

O pé-de-acerola foi o primeiro a se apresentar a mim no primeiro momento em que cheguei na escola. Um pé-de-acerola habitado por muito tempo na minha existência. Me povoa desde a minha primeira infância até a minha infância vivida atualmente. Ao me deparar com ele, desperta em mim lembranças das vezes que o pé-de-acerola foi palco das minhas brincadeiras e alegrias infantis. Toda vez que eu o encontrava, fosse em qualquer lugar, não resistia a tentação de correr até ele e catar em minhas mãos o máximo de quantidade possível de acerolas que eu podia aguentar. Naquele tempo, era o desejo que me movia e que me motivava a não ignorar a atração de querer habitá-lo e saboreá-lo. Eu experimentava aquela ser árvore com maestria, sem me importar com as tentativas de podas das minhas folhas que voavam livres ao vento.

O tempo passa, algumas coisas mudam e algumas podas ao decorrer do caminho me feriam ao ponto de não experimentar novos voos. Organismos em mim foram instaurados, muitos deles em escolas, menina não precisa se sentar da forma correta, utilizar determinado corte de cabelo e penteado, precisa estar padrão, seguir as normas e regras vigentes de cada escola. E assim fui me moldando, me enquadrando. Não experimentava mais aquele ser-árvore que em mim habitava, aquilo havia ficado estagnado naquela infância. Ao crescer um pouquinho mais, eu apenas precisava saber, aprender, interpretar algo de uma exterioridade que não me cabia. Eu não queria. Queria ser mais, queria borrar-me em acerolas, bagunçar meus cabelos, queria me desorganizar... Algumas punições foram dadas a mim por esses atos de desordem até que eu “aprendesse” a me enquadrar. Chegou um momento em que conseguiram...

O meu próximo passo foi entrar para a graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Me vi em turbulências sobre essas ideias tão bem assentadas sob mim, sobre essas crenças que me impuseram eu já estava entendida. Mas em um (des)bordar-se em passarinho, volto ao descomeço. Resolvi voltar quando infante (Barros, 2018, p. 49). Descomeço-me então pelo pé-de-acerola.

Encontro-me com ele depois de um algum tempo. Era nosso primeiro encontro após longas vivências, mas algo estava diferente. Eu já não era mais a mesma. Na segunda vez o pé-de-acerola já não era mais o mesmo, nem tampouco eu! A árvore continuava com o gosto de liberdade que eu já havia experimentado, mas meu sentimento por ela até então não era o mesmo. Eu não havia cedido a seus encantos, pelo contrário, ao vê-la meu corpo enrijeceu. Talvez por medo, um corpo tão bem disciplinado que sabe se controlar frente aos seus desejos. Não queria me sujar com ela, com sua terra, me sujar com seus encantos. Meus tons sóbrios já não me permitiam tal coisa. Estava ali a trabalho, não podia transparecer “infantilidade” de um ser-criança... Apesar dos ensinamentos aprendidos em formação docente, intrinsecamente ainda se sobrepunha a mim a ideia de uma professora que forma cidadãos para a “disciplina e honra”, como foi a mim repetido diversas vezes ao longo de minha trajetória na Educação básica em colégio cívico-militar.

Consegui me conter, uma “alegria” entristecida tomou conta de mim por ter conseguido me conter. Era um sentir dicotômico, alegria em não transparecer “infantilidade” e tristeza em não me permitir aos desejos desse corpo-infante. Pensando sobre esse sentir, me questiono de onde veio essa mutilação forjada de “alegria”.

Passado algum tempo, volto ao mesmo cenário, mas um cenário diferente. Era pelo horário da tarde, durante o jantar daquelas crianças. O dia estava ensolarado, e pelo canto de olho avistei novamente esse pé-de-acerola sendo beijado pelos raios solares, com suas folhas voando sobre o vento de um céu azul. Logo fui acometida pelo pensamento de ir até aquela árvore e tentar me reaproximar dela, ao menos minimamente. Quando eu menos esperava, aquele jardim já estava povoado. Eu estava perdida em meus pensamentos e ideias quando as crianças só foram movidas pela força de ser potência ali, naquele jardim. Experimentar ao invés de interpretar (Trindade, 2021).

Ao ver essa cena, todos aqueles pensares que me causavam paralisia se esvaíram, ao ver a alegria germinando ali com aquelas crianças debaixo daquele pé-de-acerola. O jardim estava repleto de brinquedos de plásticos, estáticos e com cores saturadas, mas

eles pouco importavam naquela altura. Neste encontro pude sentir um currículo diferente se fazendo em árvore, coexistindo com uma Amazônia e se refazendo a partir desse encontro biovegetal (Aikawa, 2024). Essa vivência não estava descrita em documentos, os desdobramentos ali feitos não eram quantificáveis, pelo contrário, era uma vivência em desorganização, desordem, em tumulto!

Desdobramentos transgressores estavam sendo feitos ali, pois em todo momento dessa vivência os adultos ali presentes buscavam diferentes formas de contenção: não subam! Desçam daí! Não mexam nas acerolas! Não se sujem! Um pensamento reinava ali entre os adultos: uma tentativa de contenção de corpos disfarçada de “cuidado”. O evitar de acidentes, quedas e sujos era a premissa do “cuidado com as crianças”. Penso: como se suja com a natureza? De onde vem essa forma de habitar com a Amazônia? Nesse instante, fui chamada atenção por uma criança, que chegou até mim mostrando suas mãos repleta de acerolas. Ela me disse que estava escolhendo as mais vermelhas para levar para sua família, e pediu a mim para que eu escolhesse algumas daquelas que ela segurava. Ali, ela me fez um convite. Um convite para borrar-me em acerolas. Enquanto um professorar preza pelo formato de cidadão disciplinado que exerça seus direitos e deveres, cuidando, corrigindo e moldando as crianças, o meu professorar, a partir daquele convite, aceita se sujar do azedo-acerola, de natureza, de Amazônia.

Penso nos norteamientos desse pensamento dominante de desflorestar nossos corpos, infertilizar nossa existência. A produção curricular de diretrizes que não nos cabem nos impera ao ponto de esquecermos da nossa própria existência, de nosso território, dos nossos desejo de um criança amazônida, um que canta com os pássaros, dança com a chuva e se lambuza de um laranja-acerola. As crianças, ao se permitirem a ousadia em brincar de ser um pé-de-acerola, se permitiram causar efeitos colaterais sem medo (Schener, 2015), perturbando as bases curriculares já assentadas, deixando-se mover pelas fricções dos afetos e potencializando-se através de vida amazônida. Produziram um outro professorar em mim.

A vivência com as infâncias me permitiu essas fugas e desvios. Meu ser-sentir-viver o currículo com as infâncias me traça em uma posição investigativa e fluida, desprendida de certezas e concepções unificadoras de contenção das alteridades. Me vejo então eu meio a um professorar esvaziado e nômade, ao mesmo tempo repleto de laranja-acerola, em criações de currículos nômades:

Se os nômades nos interessaram tanto, é porque são um devir, e não fazem parte da história; estão excluídos dela, mas se metamorfoseiam para reaparecer em outro modo, sob formas inesperadas nas linhas de fuga de um campo social (Deleuze, 1992, p. 191).

Metamorfoseando-me com as infâncias e Amazônia do pé-de-acerola, busco tumultuar harmonias, disciplinamento e controle sobre corpos via currículo uníssono. Transmuto um currículo-corpo em fuga infantis, que se abra ao intempestivo, bote a normatividade dessas prescrições para colorir, subir em árvore, dançar. “Um currículo que, por si só, seja dançante, profundamente indisciplinado, questiona as hierarquias e assentimentos, regimes de propriedade e legitimidade” (Corazza, 2002, p.134).

Cabe-nos um professorar vazio em que a única desconstrução que conta é a auto-desconstrução. “Um professor assim tem muita chance de botar um currículo pra dançar” (Tadeu, 2002, p. 52) Hoje, vejo-me em um professorar vazio, rascunhado com laranja-acerola, experimentando modos diferentes de ser-sentir-viver, metamorfoseando-se em currículo-corpo que nesse curso de Pedagogia se habitou de infâncias e amazônias próprias.

3.2. (Des)inventando-se em infâncias e Amazônia

*Outro dia destampamos a cabeça de Cipriano.
Lá dentro só tinha árvore, árvore, árvore
Nenhuma ideia sequer.
Falaram que ele tinha predominâncias vegetais do que
platônicas isso era.
(Manoel de Barros, 2018)*

Currículos engessados não têm espaço em infâncias e amazônias que se entrelaçam. A Filosofia da Diferença me move a repensar essas estruturas, observando-as desmoronando, transformando-se em ruínas, enquanto minha visão da educação, antes rígida e tradicional, permeada por caracterizações curriculares e se desestrutura.

Nesse movimento, produziu-se abertura ao hibridismo, onde o binarismo e as certezas não se fazem mais presentes. Barreiras objetivistas, essencialistas e deterministas começaram a ceder lugar ao imprevisível, ao impossível, ao vazio. Em um professorar, essas experiências me atravessam, me levando a enxergar a infância como um campo de imanência, um corpo sem órgãos, onde o ser se faz na imersão e no encontro.

Viver com as infâncias em seus cotidianos é desprender-me de quem penso que sou e dar espaço para o que há de visceral. Dissocio então o pensar como a magnitude de um ser humano, nem só de pensar somos constituídos. Estagiando com as infâncias, agora dos anos iniciais, pude perceber que somos muito mais do que pensamos: somos movidos por desejos, sonhos, alegrias, tristezas, que o pensar e o saber pouco entendem.

Eu não sabia disso. Algo em mim estava adulto demais, naquele momento eu até poderia confundir uma cobra que acabou de engolir um elefante com um chapéu, algo que aprendi lendo o livro do O Pequeno Príncipe, dado de presente pela minha irmã como meu primeiro livro. Me encontrei novamente com as infâncias, agora um pouco maiores, me entranhei em seus cotidianos, turistei em seus modos de ver e viver, permiti deslocar-me para seus olhares, sentires, viveres. Estou *quando* infante.

Deslocando-me a elas, notei que precisava de algumas ferramentas específicas as que eu tinha naquele momento não eram necessárias para aquela ocasião. Revirando minha caixa de ferramentas, esbarrei-me com algo que tinha deixado de lado tempos atrás, o desimportante. *Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes* (Barros, 2018, p.25). Me encontrei com uma pedra deixada perdida, ela era uma pedra de aparência quase comum, mas me sussurrava histórias que eu amava ouvir... fui abandonando-a a medida em que fui “crescendo”... menina não brinca desse jeito, eu precisava ser mocinha, me comportar, me limpar desses vestígios infantis... será? Muitas das histórias por ela contadas tive que deixar no caminho.

Hoje, para minha formação, me vejo catando as pedrinhas deixadas pelo caminho, relembro de suas histórias e memórias, apropriando-me novamente de um desejo spinozano que dá força aos acontecimentos que um dia já habitou em mim. À medida que me volto a quem eu fui, me desprendo aquilo que nunca me pertenceu, as vozes que não são minhas, as ordens que em algum dia me foram dadas e acatadas... Volto então para a minha infância em meu estagiar, um estagiar de peraltagens, barulhento e profundamente indisciplinado.

Viver com as crianças “olhando adulto” é um trabalho difícil. Às vezes sinto que ser adulto implica diretamente em apagar tudo aquilo que já foi vivido na infância, esquecemos das nossas descobertas, o mundo se torna incolor, ordinário. O exercício é transver, dar força a imaginação, sacudir os assentamentos que (des)norteiam o

professorar, (des)pensar o já pensado, voar por lugares nunca visitados... As infâncias nisso tem profundidades, do nada elas sabem tudo, é o devir-criança.

As crianças são o que são ao cantar e contar nas imediações da casa, sem chegar ao Fora absoluto. Elas não são, elas soam. Elas não sabem de saber, elas sabem de sabor. Saber saboreado a partir do lugar do desejo. Cultura oral, saber mastigado, gostosura. (Jódar; Gómez, 2002, p.37).

Em um mundo guiado por essa lente adultocêntrica, a criança sempre é incompreendida. Em que momento se pode crianças com acerolas na escola? Quando se é permitido inventar, criar, sonhar, acerolar? Vivendo com as infâncias dos anos iniciais, sinto suas tentativas de exercer seu devir-aceroleiro

Pensemos então em uma “educação em movimento que, ao experimentar e explora a linha de fuga que é o devir-criança, escapa e se desterritorializa da forma Homem” (Jódar; Gómez, 2002, p.36).

3.3 Acerolamentos em artistagens brincantes

*Nasci de uma pequena semente,
insignificante para alguns
mas regada com muitos encantos.
Surge o 1º broto: abraçado pela quentura reconfortante do sol de algo que ficou
por muito tempo escondido.
A chuva me deu medo, e o vento liberdade.
Fui crescendo, minhas raízes se entrelaçando.
o sol depois de um tempo me machucou, e a chuva me curou.
O certo virou incerto: e assim nasceu minha primeira flor
O maravilhamento nasceu da incerteza.
Logo depois, surgiram minhas acerolas. Vermelhinha por fora e azedo-laranja por
dentro.
Vivo em muitas casas, sou refúgio dos dias quentes, sou palco de brincadeiras e
alimento para quem precisar.
Crianças correm até mim,
talvez querendo ser um pé-de-acerola crianceiro,
mas mal sabem elas que eu broto desse
faz de conta aceroleiro!*

Experimentando esse (des)bordamento de si com essas infâncias viventes de um cotidiano de creche, algumas das linhas fuga produzida alçam novos voos que me levam até os anos iniciais de outra instituição escolar, uma vivência proporcionada pelo estágio curricular. Outra potência de encontro trilha minha trajetória da formação acadêmica, dessa vez, relaciono-me com crianças um pouco maiores, do 4º ano do ensino fundamental. Não costumo grifar as demarcações estabelecidas para as estampas escolares, mas dessa vez me parece importante. Grifo porque essa etapa escolar fala de um contexto de provas nacionais, pelas quais escolas se preparam ano pós ano para obter os melhores resultados quantitativos.

É meio a essas tensões que me infiltro em seus cotidianos. Sala de aula gélida, sala de aula sigma. O silêncio se faz presente. Crianças concentradas copiando número após número. Tentativas de silenciamento já é algo normalizado em seus cotidianos na tentativa de socialização entre seus pares. Ali, a meta não era a formação de crianças, mas a sua quantificação, cada criança ali sentada vale alguns números, algumas notas que dizem “importantes”, mas importantes para quem?

A importância a mim se mostra nos intervalos, onde crianças em um movimentos quase desencarcerador correm de um lado para outro, gritando, pulando rindo, às vezes sozinhas, às vezes com alguns amigos...o que importava era a conexão com um corpo que em sala só tem a funcionalidade para “fazer funcionar” as engrenagens da mente: escrever, sentar-se da forma correta, não correr, não conversar... Olho esses momentos de movimento do corpo com atenção. Eu, uma estrangeira naquele lugar, sinto novas linhas me atravessando no momento que sinto uma daquelas crianças esbarrando em mim em meio a sua corrida.

Desejo semear um Pé-de-Acerola ali no meio daquela escola!

Faço um convite-aceroleiro para as crianças sigma, logo vejo os borbulhamentos entre elas. Ali trocamos algumas conversas sobre os encantamentos por nós já vivido debaixo de um pé-de-acerola: elas me falaram sobre as acerolas, sobre seus galhos e sobre as memórias já criadas ali naquela árvore. Queremos experimentar o pé-de-acerola ali mesmo, no concreto.

Façamos acerolamentos em movimentações brincantes! Me mobilizo a partir da seguinte questão: como desemparedar e sensibilizar as infâncias do Ensino fundamental

I em afetamentos, criando com acerolas? Objetivo então a sensibilização para a reconexão corpo-vida com a natureza em artistagens que permitam ser semeadas potências em criação que confluem e coexistem com uma Amazônia-aceroleira.

Fazemos uma leitura juntos do livro “O menino que queria ser árvore” (Grazioli, 2014), que narra a história de um menino que desejar existir junto com aquela árvore, criando pés-raízes de um menino-broto, uma história comovente que ao finalizada causou diversas inquietações daquelas crianças, que ansiavam em falar sobre suas histórias-árvore também. Assim, nos inventamos no jardim da escola ao coletar algumas plantas e galhos. Era quase uma troca, enquanto plantamos algumas das nossas palavras-semente naquele solo, coletamos também algumas histórias-árvores já anteriormente semeadas.

Inventamo-nos naquelas histórias-árvore, inventamos um pé-de-acerola. Um pé-de-acerola criado pelas infâncias em um movimento de experimentação de si em artistagens em meio a um local determinado ao saber. Não queríamos saber, queríamos sabores. Queremos uma vida experimentada, vivida, não uma vida aprendida, apreendida. Era a vontade de potência que ali transitava por nós, semeando o desejo de uma vida bela em criações.

As suas criações foram desordenadas, bagunçadas, nômades, iniciavam em um ponto e se encaminharam para outro. Um corpo sem órgãos já é próprio das crianças, nisso elas tem profundidade.

Em meio a essas e tantas outras movimentações, uma criança chega até mim e fala:

Me senti livre como árvore!

DERRADEIROS SONHARES E ACEROLAMENTOS







REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set./dez. 2009.
- AIKAWA, M. S. Brotos biovegetais de um corpo na Educação Infantil. In.: **5.^a Reunião Científica Regional da ANPEd Norte**, Boa Vista-RR, 2024.
- ALVES, R. **Pinóquio às avessas**: uma estória sobre crianças e escolas para pais e professores. Campinas: Verus Editora, 2005.
- AURICH, G. R. **Reescrita de si**: a invenção de uma docência em matemática. 2017. 152f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BARROS, M. **Livro sobre nada**. São Paulo: Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- BARROS, M. **Memórias Inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018,
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CANDIOTTO, C. Subjetividade e Verdade o último Foucault. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(1): 87-103, 2008
- COLASANTI, M. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global Editora. 2004
- CORAZZA, S. M. Artistagens Docentes. **III Congresso Nacional Marista de Educação**, PUCRS. Porto Alegre, 2008
- CORAZZA, S. M. Noologia do Currículo: vagamundo, o problemático, e assentado, o resolvido. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.
- COSTA, L. B.; AMORIM, A. S. L. Uma Introdução à Teoria das Linhas para a Cartografia. **Atos de pesquisa em educação (FURB)**, v. 14, p.912-933,2019.
- DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- DILACERDA, L. Corpo sem órgão e esquizoanálise em Deleuze e Guattari. **Revista Lampejo**. v. 10, n. 1, ago.2021, p. 318-325.
- EXUPÉRY, A. S. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. Tecnologias de Si, 1982. **Verve**, 6: 321-360, 2004

FREITAS, A. S. Michel Foucault e o “cuidado de si”: a invenção de formas de vida resistentes na educação. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, v.12, n.1, p.167-190. jul./dez. 2010

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. IN: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: **Diálogos sobre Diálogos**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GIL, G. **Drão**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda, jun/jul. 1982. Disponível em: <https://youtu.be/LAsAYoZ0aKs?si=UOhnabTdqapxiVzJ>.

GRAZIOLI, F. T. **O Menino Que Queria Ser Árvore**. Curitiba: Positivo, 2014.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. ed. 20. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

JÓDAR, F.; GÓMEZ, L. Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914>

LAURO, R. **Como criar para si um corpo sem órgãos?**. Razão inadequada. 2019.

LOPES, A. C. Teorias Pós Críticas, Política e Currículo. IN: Dossiê Temático: Configurações da Investigação Educacional no Brasil. **Educação, Sociedade & Culturas**, Nº 39, 2013, 7-23

NEVES, M. E. G. **Sonhografias aceroleiras em árvores**. 2025a. Aquarela e colagem sobre tela. 18 x 24 cm.

NEVES, M. E. G. **Sonhografias aceroleiras em bordados**. 2025b. Aquarela e colagem sobre tela. 18 x 24 cm.

NEVES, M. E. G. **Sonhografias aceroleiras em cartas**. 2025c. Aquarela e colagem sobre tela. 18 x 24 cm.

NEVES, M. E. G.; AIKAWA, M. S.; COSTA, M. O. Narrativas de um Currículo-Corpo da Pedagogia com Infâncias e Amazônia(s). **II Seminário Nacional Questões e Políticas de Currículo**. Codó-MA, 2025.

NEVES, M. E. G.; COSTA, M. O.; IKAWA, M. S. (Des) Bordando uma Docência Amazônica: Linhas de uma Formação Inicial. **XV Semana de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas** - Educação em Direitos Humanos e Cidadania/Florestania: Construindo Pedagogias Inclusivas e Diversas. Manaus- AM, 2024.

OLIVEIRA, C. B.; COSTA, M. O.; AIKAWA, M. S. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação**, Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023.

PARAÍSO, M. A. **Currículos: Teorias e Políticas**. São Paulo: Contexto, 2023.

REIS, M.; CORAZZA, S. M. Sonhografias em educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 66, p. 446–458, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.43846. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/43846/38778>

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RODRIGUES, C. G.; SCHNORR, S. M. A possibilidade de pensar a filosofia na perspectiva da diferença: impregnando a formação de professores e experimentando o inédito. **Conjectura: filosofia e educação**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 36–49, 2014. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2369>.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

SCHERNER, L. A poesia de Manoel de Barros: Cartografando territórios. **Revista Artes Interinstitucional de Educar**. Rio de Janeiro, V.1 N.1, p.145-160, fev./mai. 2015.

TADEU, T. A Arte do Encontro e da Composição: Spinoza + currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2018.

TRINDADE, R. Deleuze e Guatarri- Subjetividade e sintoma. **Razão Inadequada**. 23 de mai. 2021.